# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial.
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes


## ASSUMPTO LOCAL

—

Com resignação christã soffremos todo o mau humor do articulista da «Patria», no assumpto do *hospital-cadeias*, que vimos discutindo.

Conhecemos, de sobejo, o articulista, e fazemos-lhe justiça á sua vasta intelligencia, ao seu profundo saber profissional, á sua bella alma, aos seus nobres e bons sentimentos.

Em moral, em politica, na sua profissão é d'uma rigidez d'aço da mais rija tempera, é um perfeito e completo estoico.

Pode laborar em erro, no seu pensar, mas não torce, nem quebra, simplesmente porque é um sincero, se não ha logica possivel, que o faça mudar do rumo, que se traçou.

Alli nunca a má fé entrou; alli nunca a rabulice abriu brécha; alli nunca o sofisma reinou.

E' um bom, é um justo.

E por o considerarmos dotado de tão elevados predicados, é que não podemos levar a mal, que elle, pondo de parte a discussão serena e legal d'uma questão que não é irritante, nos alcunhe com nomes feios, que embora não nos deshonrem nos magoam e devéras, unicamente, por partirem d'onde partem.

Não podemos, pois, deixar passar, sem reparo, as affirmativas feitas de que «somos rabulas», que respondemos com insinuações velhacas, que temos má educação politica, e que vivemos no chiqueiro do sofisma.

Evidentemente que estas phrases se referem ao homem *politico* e por isso, é que, respondemos.

Somos politico, não o negamos; mas quando a occazião nos permitte rabiscar duas coisas para este jornal, pômos de lado o nosso ideal politico, escrevendo, sómente, como homem imparcial e independente, (qualidade que presamos ter) o que fôr a bem de causas justas, pois mesmo este semanario não tem côr politica, nem é orgão de qualquer partido.

Já não succede o mesmo com a «Patria», que é orgão d'um partido politico do concelho.

Mas pondo de parte esta pequenina suspeição do articulista da «Patria», e continuando a fazer justiça á sua robusta intelligencia, diremos que elle não quiz saber lêr o Regulamento dos serviços de saude e beneficencia publica, e por isso muito melhor lhe ficam os qualificativos epitheticos, com que nos mimoseou.

Aqui tem perfeita applicação, uma brincadeira dos tempos das nossas meninices, em que as creanças, depois d'uma série de perguntas e respostas, terminavam por dizer, em côro: *velhaco é elle, é elle, é elle...*

Isto, é claro, sem offensa.

Quer o illustre articulista, que as despezas com a construcção d'um hospital e sua sustentação e ainda as despezas com diétas e remedios para os doentes, sejam *despezas obrigatorias das camaras*.

E para fundamentar a sua affirmativa apegou-se ao Regulamento dos serviços de saude e beneficencia publica approvado por decreto de 24 de dezembro de 1901, art.os 55, n.os 1 a 17, 65 § unico e 346 n.os 1 a 7.

Mau apêgo, como vamos mostrar.

Na presente hypothese, o regulamento citado, sem o auxilio do Cod.º Administrativo, nada vale.

E' o mesmo que dar a um paralytico ou côxo uma só mulêta, e mandal-o andar, quando elle não póde dar um passo, sem o auxilio de duas mulêtas.

O art.º 55 começa por dizer—«ás camaras municipaes, *sem prejuizo do preceituado no codigo administrativo*, incumbe...

O art.º 346 tambem começa por dizer—«á camara municipal compete *dentro dos limites das suas faculdades*..

O § unico do art.º 65 diz:

—Fica suppressão o concelho que por falta de recursos não poder *supportar as despezas d'um partido*.

Estas disposições citadas são claras e terminantes em reconhecer, que o regulamento de saude em nada vingou, nem sequer quiz contrariar o disposto no Cod.º Administrativo antes se estatuiu, e em mais do que um artigo, que tudo o decretado relativamente aos corpos administrativos, era sem prejuizo do preceituado no seu codigo regulamentar.

E' necessario, pois, antes de tudo lêr o Cod.º Administrativo.

E este Cod.º no art.º 81 diz taxativamente, quaes são as despezas obrigatorias, sendo todas as demais facultativas.

E' necessario não confundir despezas de saude publica, com as de tratamento de doentes pobres, ou sustentação d'um hospital municipal, pois que a lei as distingue sempre.

Em nenhum dos artigos do Regulamento de saude ou do Codigo administrativo é imposta ás camaras a obrigação de manter um hospital para tratamento de todos os doentes pobres do Concelho.

Sobre esse ponto, ha apenas as disposições dos art.s 55 n.º 12, 346 n.os 3 e 4 do reg.to de saude e art.º 81 n.os 18 e 21 do Codigo Administrativo.

E ahi trata-se apenas das meretrizes e ainda dos doentes, que são recolhidos no hospital de S. José em Lisboa.

Só a estes, é que, as camaras têm obrigação de pagar as despezas.

Em face das disposições legaes, que o illustre articulista da «Patria» conhece muito bem, mas que pelo seu feitio especial, finge desconhecer parece-nos demonstrado, á sociedade, que a *rabulice a velhacaria suflstica* está toda do lado de lá, e que, por emquanto, ainda não nos contagiou, se, é que, é molestia contagiosa, o que ignoramos.

—

## Uns pésinhos

—

Scismo, scismo e não sei inda
como tu, sendo tão linda
e tão vaidosa de o ser,
tens ahi no chão pousados
os teus pésinhos, coitados!
ahi como uns pés quaesquer!...

Eu não sei, não comprehendo,
quando te vejo correndo,
mesmo que vás devagar,
como uns pés tão pequeninos,
tão delicados, tão finos,
assim te podem levar!

Faz-me pena, coitaditos!
tão galantes, tão bonitos
vêl-os assim pelo pó!...
muita pêna!... ainda ao menos
se não fôssem tão pequenos...
mas assim faz mesmo dó!. .

Ainda se toda a estrada
te fosse ao menos juncada
de rosmaninho e alecrim,
como a santa da capella
quando sahe no andor, mais ella
nunca teve uns pés assim!...

Olha! ás vezes endoideço
quando t'os vejo e appeteço
duas semanas.. um mes...
dois meses... nem eu sei quanto,
ser um sapato, comtanto
que tu me tragas nos pés!...

A's vezes, quando á tardinha
Tu vais scismando sósinha
pôr sobre a relva ao de leve,
suspira cada folhita
d'inveja á mais pequenita
que o teu pésinho conteve!

E se páras distrahida
junto d'alva Margarida,
ou malmequer, ou bonina
faz gosto vêr o geitinho
com que a flôr torce o pésinho
e sobre um dos teus s'inclina!

Que amor! que amor, ó meu Deus!
e não é por serem teus
que os amo tanto, não é ..
Esse teu pé pequenino
foi obra d'algum destino
que eu tenha d'amar um pé.

Mas ai! são tão desdenhosos!
mostram-se assim descuidosos,
mas eu conheço, eu bem sei...
mil beijos, que me regeitam,
nem por tapete os acceitam,
pobre de mim que os sonhei.

E verás que dentro em pouco
nem sei da cabeça louco
por elles... e seus desdens! ..
Que tu tambem, coitaditos!
tens uns pés tão pequenitos
que por um tris que os não tens.

Esconde-me esses traidores,
esconde-m'os. Seductores!...
nem são pés, são um feitiço!...
Esconde-me esses ingratos,
nem as pontas dos sapatos
quero vêr-lhes, antes isso.

Que hei-de eu fazer quando os vejo
a tanto faminto beijo
que t'os quisera calçar?
que nem os peixes no rio
se juntam tantos a fio.
na veia d'agua a brincar?!

S inda fosse a tua meia
d'estes peixes rêde cheia
quando a fosses a vestir,
e em cada malha embrulhado
ficasse bem encalhado
ao menos um sem cahir!

Ou ao menos se as pedrinhas
onde os pões quando caminhas,
fossem todas beijos meus,
que, nem indo a pé descalço,
posesses um pé em falso...
mas assim!... valha-me Deus.

Olha, a dizer-te a verdade,
eu acho que é crueldade
deixal-os ir pelo chão...
se queres, poupa-lhes passos,
levo-te a ti n'um dos braços,
e elles ambos n'outra mão.

Agosto, 1870,
*Fernando Caldeira.*

## CAVAQUEIRA

A pedido do meu amigo Orion, vou, hoje, continuar a materia, que elle já abordou; mas, isto, sob as indicações d'elle.

Estando nós em ameno cavaco no gabinete reservado do Pinho, adjunto á mercearia d'elle, com uma lauta ceia na nossa frente, composta de *mayonaise* de camarões, mexilhões ao natural, salada de berbigões, frituras de marisco, vinho branco e tinto, champagne tomado á moda do Primo Bazilio, servido pelas nossas commensaes, que se apresentaram com *toilettes* fresquissimas, devido á alta temperatura, que reinava na atmosphera, dizia eu, pois, que, entre dois pratos, o meu amigo Orion desfecha á bella sociedade a seguinte pergunta:

Se fizessemos um buraco na Terra que a atravessasse de lado a lado, com um diametro sufficiente para caber um homem n'elle, se collocassemos em cada buraco, ou melhor se pespegassemos com elle por ahi abaixo, o que aconteceria?

O Pinho, do lado, disse: calcavam os cravos das ferraduras um do outro, quando se encontrassem e devia ser tal a força com que se encontravam, que entravam um pelo outro.

Puro engano, diz Orion.

A gravidade que os actuava na quéda cresce até um sexto do raio da Terra, depois diminue.

Quando chega a um terço, tem o mesmo valor que á superficie da Terra, depois vae diminuindo até ao centro, onde é nulla.

Não quero agora massal-os com calculos de densidades, com que jogam estas conclusões, que tirei agora (diz Orion).

Unicamente lhes digo que o globo terrestre contem, para o centro, materias muito densas, que, provavelmente, são metaes preciosos no estado nativo.

Salta o Pinho do lado, convidando os presentes para uma exploração em regra das profundidades da Terra, vender os metaes que se achassem e derreter, a seguir, a *massa* n'uma d'estas pandegas de estalo, que fosse notificada por todos os jornaes e até pelos republicanos.

Os olhos saltavam-lhe, a bocca ria-se e erguia os braços em movimentos quasi aggressivos.

Chegou, emfim, ao caminho do desespero.

Valeu-lhe o amigo Baptista, que correu logo ao seu laboratorio chimico, deslocou varios fornos de reverbero, milhares de retortas, cadinhos, etc, etc., e lá desencantou 10 reis d'uns *póses* calmantes, que o fizeram vir ao estado natural.

Elle, então, depois de calmado disse com uma ingenuidade immensa. Ha já seis mezes que não conhecia este prazer, que me proporcionou a exaltação de que fui atacado.

Ao dizer isto, uma retorta, que estava nas mãos do Baptista, cahiu e fez-se em pedaços.

O Pinho, então, aproveitou o ensejo para largar piada, e disse: O Baptista, agora, é victima da gravidade.

Ao que elle respondeu: que ia reformar o seu laboratorio e que, ao fim d'um certo periodo de tempo, veria outras retortas novas, no logar da que se quebrou.

O Pinho instou com elle para lh'a pagar e elle lá acceitou 1$000 reis pela retorta e pelos *póses* não levou nada.

Continuando com o cavaco, diremos que a força centrifuga, a que nos referimos já, dá logar a uma experiencia curiosa.

Peguemos n'um balde cheio d'agua, amarremos-lhe um cordel á aza e imprimamos-lhe um movimento de rotação rapido.

Veremos que nem uma gotta d'agua cahe.

D'aqui se conclue que a agua está sob uma pressão maior que o seu peso que é a *força* centrifuga.

Ha uma força chamada centripeta, que, no caso do balde, tem uma representação pratica, desde que se diga que é a que pucha o balde para o centro da circunferencia que o obrigamos a descrever. Exerce-se pelo cordel, que segura a aza.

Esta é egual e contraria á *centrifuga*.

Quando o cordel quebra, não se exerce mais a centripeta e o balde vôa pelo ar sob a acção da centrifuga que o obriga a descrever o tangente á circumferencia.

E', pois, uma providencia que a *centripeta* se opponha á centrifuga, quando não experimentavamos a toda a hora, no nosso corpo, diversos contactos bruscos de diversos corpos, que se escapassem pela tangente ás curvas que fossem obrigados a descrever.

Tudo, na natureza, está tão bem regulado, que denota ter sido tudo regulado por um ente superior que calculou com a devida antecipação todos os factos que succederiam na vida d'estes pobres membros da especie humana.

Esse ente superior é uma força sobrehumana, a que chamamos Deus.

Essa força, porém, está fora do alcance da mechanica, mas produziu as forças secundarias, que estão sob o dominio d'essa sciencia, tão racional, tal logica.

Por hoje terminamos esta *lenga-lenga*, visto que são quatro horas da manhã, e já se acabaram os vinhos e as iguarias da ceia em que fallei.

*Arcturus.*

## NOTICIARIO

### TEMPO

—

O *tempo* tem querido voltar, novamente, a mau, mas por emquanto, nada podemos dizer em seu desabôno, porque ainda não rompeu de vez; isto é, ainda não se portou tão mal como esperavamos, e como *elle* parecia querer portar-se.

Isto nada é, porque nada dá, porque o *tempo* entra já na normalidade, porque, de verão não se espera outra cousa, porque sempre assim succedeu e ha-de succeder, portanto, agora.

Faz-nos lembrar um *namorisco* que, hoje, se apresenta, por qualquer motivo, *trombudo*, e, ámanhã ou logo, já se apresenta risonho; mas, quem não conhece estas metamorphoses, encommoda-se, rala-se e, muitas vezes, até abandona o namôro; porém, quem *as* conhece, não só não se encommoda, mas até se ri e gosta d'isso.

E nós que conhecemos d'uma cousa e d'outra já não nos encommodamos com nenhumas d'ellas.

Todavia, com *ellas*, é bem melhor não haver zangas frequentes para não termos o trabalho de andar sempre a fazer...as pázes.

## PESCA

Não foi de importancia o rendimento da pesca, na costa do Furadouro, durante a semana finda.

## TOURADA EM AVEIRO

Realisa-se, hoje, na praça de touros de Aveiro, a segunda corrida da epocha, esperando-se que seja muito concorrida, em virtude de n'ella tomarem parte os afamados artistas Jorge Cadête, José Casimiro e Theodoro Gonçalves, etc.

## CONDE D'AGUEDA

Este illustre titular, meritissimo governador civil d'este districto d'Aveiro, regressará de Lisboa a Aveiro, no dia 6 do proximo julho

## ROOSEVELT

Roosevelt, presidente da Republica Norte Americana, contractou com uma Revista de Nova York, por cem mil dollars, a publicação de artigos, que se propõe escrever darante as caçadas, que se realisarão na Africa, logo que abandone o governo.

# A REDEMPÇÃO

IX

Dos escravos ao tronco affrontoso
Despido e atado,
Do Salvador o corpo doloroso
Foi todo retalhado!

D'aquelle côrpo saltaram bocadinhos,
De carne triturada,
Que os anjos recolhiam em cestinhos
De luz côr d'alvorada!

Eram nervos de boi os instrumentos
Do seu martyrio!
Pilatos mandou dar estes tormentos
Ao Candido Lirio!

E de espinhos a fronte lhe cingiram,
Com instinctos ferinos;
Em seu rosto divino lhe cuspiram
Impios libertinos.

Ainda hontem acclamado com *hosana* (•)
Em fremitos d'alegria,
Hoje, entre as mãos, lhe pôem uma canna,
Qual sceptro d'ironia!

Vermelho manto sobre os hombros lhe collocam,
Como rei simulado;
Visagens, insultos graves que provocam
A dôr do attribulado!

Archeiros com uma canna lhe batiam,
Sobre a corôa d'espinhos;
Gottas de sangue da cabeça corriam,
Sobre os olhos divinos!

Um dos malfeitores o joelho dobrava,
Dizendo ao salvador;
—Eu te saudo, oh Rei!... phrase que encerrava.
Motejo aviltador!

X

Aos hombros um manto vermelho e rasgado
Desgrenhado o cabello, d'espinhos coroado.

Uma canna entre as mãos; vilmente tratado,
Desfallecido, tremulo, todo ulcerado.

Os cabellos da barba de sangue ensopados,
Com grossas amarras os pulsos atados.

Seu rosto semelhava o rosto d'um leproso,
Que só antevê soffrimento doloroso.

Tal era o retrato do grande Potentado,
Do Rei do infinito, do Deus humanado.

Com profunda tristeza que ao rôsto lhe assôma,
Foi conduzido ao Procurador de Rôma.

D'uma varanda o mostra á populaça,
Que agitada occupava então a praça.

*Ecce Homo*! brada Pilatos a tal gente,
Que pedia a morte de Christo novamente.

Assim o quereis!... vou o justo condemnar,
Mas d'esse sangue as minhas mãos vou lavar.

O sangue do reo pode á vontade cahir
Sobre nós e gerações que hão-de vir!

O Pretor faz levar o Justo ao tribunal,
Onde o vae condemnar á pena capital.

D'esta injustiça o ceo se assombrou,
Lagrimas de sangue pelo justo chorou.

(Continúa).

*João da Silva Ferreira.*

(•) Alludimos á entrada triumphante de Christo em Jerusalem, no domingo de Ramos, onde foi recebido com ramos de palmas e oliveiras, pelo povo, e proclamado como Messias e Salvador.

Dias depois, em plena praça, esse mesmo povo, reunido em multidão, pedia em altos brados a morte do Salvador.

O que são os homens e as cousas d'este mundo!...

## Festejos

Estes ultimos dias tem desembarcado na estação dos caminhos de ferro, d'esta villa, enorme quantidade de gente, vinda dos festejos do Porto e Braga.

As alquilarias tiveram movimento desuaado; e o Largo da Estação, na occasião do desembarque;assumia um aspecto de alegria e extraordinaria e fraternal animação, devido aos descantes e danças dos romeiros, que, com seus trajes garridos, punham d'est'arte remate ao passeio festival.

•

Em Villar do Paraizo, concelho de Gaya, realisou-se, com grande brilho uma festividade imponente, em que tomou parte a banda musical dos «Bombeiros Voluntarios» d'esta villa.

•

Em Campanhã, Rua do Heroismo, cidade do Porto, terá logar hoje a festa a S. Pedro.

Abrilhantará o acto a banda dos «Bombeiros Voluntarios», d'esta villa.

•

Em Cardilhó, comarca d'Estarreja, realisar-se-ha amanhã a festa a S. Pedro, onde se farão ouvir afamadas philarmonicas.

•

No Largo de São João, realisou-se no dia 24 a festividade, em honra de S. João, sendo digna de louvor a respectiva commissão, que não se poupou a despezas e trabalho para que os festejos ao popular S. João tivessem o brilho dos annos anteriores.

Tomaram parte as bandas musicaes de S. Thiago de Riba Ul,Oliveira d'Azemeis, e a «Ovarense» d'esta villa, havendo-se ambos a altura dos seus excellente e justificados creditos, executando com inexcedivel correcção e agrado varias peças dos seus distinctos repertorios.

•

Na sexta-feira passada teve logar a festividade do Coração de Jesus, na Capella de Nossa Senhora da Graça.

Houve de manhã missa solemne a grande instrumental, e sermão; e de tarde, vesperas, sermão e procissão, que percorreu as ruas do estylo.

Abrilhantou a festividade a banda «Ovarense», d'esta villa.

# FOLHETIM

## O PECCININO

OU

**O Bandido Nobre**

POR

GEORGE SAND

Pedro estava sobretudo encantado de ver a princeza dansar, e esta ao avistar a cabeça calva, do improvisado musico, entre os da orchestra, enviara-lhe um sorriso que foi recebido com infinito agradecimento. Talvez tivesse parecido a Miguel que seu pae fosse liberal demais nos serviços que prestava á sua bôa princeza, e que desprezava um pouco a sua dignidade de artista.

Mas n'este momento a illusão dominava Miguel—pensava apenas em encontrar um segundo olhar de tão grata expressão como o primeiro.

A unica *toilete* que, para uma recordação de aristocracia incuravel trazia dentro d'um saco de viagem ao atravessar os desfiladeiros do Etna, estava á moda, e era de bom gosto. A sua figura era tão nobre, tão simpatica que de certo não havia que excluir na sua pessoa e porte. Todavia, desde alguns minutos, a sua presença entre os do grupo mais visinho da princeza importunava a vista do mestre Barbagallo, mordomo do palacio.

Este personagem, habitualmente docil e bondoso, tinha comtudo os seus rancores e os seus momentos de indignação comica. Reconhecia talento em Miguel, mas o ar impaciente d'este rapaz quando lhe dirigia observações pueris, e o pouco respeito que parecia merecer-lhe a sua auctoridade, tornaram-lh'o suspeito, e fizeram-lh-o ver com aversão. Segundo as suas ideas, e um estudo particular sobre titulos e brazões, não havia de nobre senão os *nobres* e confundia n'um desdem mudo, mas invencivel, todas as outras classes da sociedadeo Magoava-o pois e confrangia-s ver o grandioso palacio de seuamos franqueado ao que elle chamava uma balburdia—comercian tes, advogados, damas israelitas, viajantes suspeitos, estudantes, militares, emfim, todo aquelle que por uma moeda d'ouro se podesse arrogar o direito de dansar na contradansa da princeza.

O isolamento em que a Palmarosa sempre viveu foi mais um motivo para que este digno mordomo conservasse todas as suas illusões e prejuizos sobre as excellencias das raças; eis porque, á medida que a noite avançava, cada vez mais se intristecia, se inquietava, e menos escondia as suas rabujices.

Acabava de ver a princeza prometter ser par d'um novel advogado que tivera a audacia de convidal a, e vendo Miguel Angelo fital-a com olhos inflamados, perguntou a si proprio se este pintor a cola tambem não teria pretensões a dansar com ella.

«O mundo anda ás avessas ha vinte annos, é bem certo, monologava o mordomo; se aqui tivesse havido um baile identico, no tempo do principe Diogenes, as coisas levariam outro rumo—as classes estariam devidamente separadas umas das outras; formar-se-iam diversos grupos cada qual com os da sua jerarchia: Mas aqui tudo se confunde, é um bazar, uma saturnal!

E, aproposito, que faz ali aquelle insignificante pintor? Não pagou; não tem mesmo o direito que hoje se compra, para meu maior pesar, á porta do nobre palacio de Palmarosa. Não é admittido aqui senão como operario. Se quer tocar tambor ao lado do pai e cuidar das luzes que vá para junto d'elle. Com certeza que rebaixarei agora o seu pequeno amor-proprio, por mais que blasone de grande pintor, mandando-o para os seus pinceis da cola.

E' uma lição que lhe doe, porque o velho e extravagante pae o estraga e o não sabe educar.

Animado d'esta bella resolução, o senhor Barbagallo, não ousando avisinhar-se dos que mais perto estavam de sua ama, esforçou-se em attrair de longe a attenção de Miguel, fazendo-lhe muitos signaes, mas que não foram, por este absolutamente notados. Vendo, porem, que a contradansa ia acabar e que ella não poderia deixar de ver o joven Lavoratori postado como alto dignatario na sua passagem, decidiu-se a dar um golpe de Estado—Mette-se pelo meio dos assistentes, á similhança d'um cão perdigueiro por entre as messes de trigo, toma-lhe o braço e subtilmente pretende trazel-o a distancia sem escandalo, nem alvoroço.

Esta scena coincidia com o momento em que a princeza fitava Miguel pela segunda vez, o que ha tanto tempo esperava!

Este olhar magnitisara-o, ainda que parecesse velado por um sentimento de prudencia, e ao sentir-se agarrado por um braço, sem mover a cabeça, sem até se dignar saber do que se tratava, repelliu com uma cotovelada energica a mão indiscreta que o prendia.

—Senhor Miguel, que faz aqui? lhe diz ao ouvido o mordomo indignado.

—Que lhe importa? responde Miguel voltando as costas e sacudindo os hombros.

—Não deve estar aqui, returque Barbagollo, quasi a impacientar-se, mas contendo-se o bastante para fallar baixo.

—Ora, deixe estar! responde Miguel encolorisado, esperando desembaraçar-se do seu contendor pela intimação.

Mas Barbagallo era arrojado até a mudula dos ossos; preferia a morte a falhar na minima circumstancia ao que elle chamava o seu dever.

—Eu, senhor, cumpro com o meu dever, compri pois com o vosso.

Custa-me encommodal-o, mas é preciso que cada um occupe o seu respectivo lugar. Oh! não proceda como insolente! Onde está o seu bilhete de entrada? Não o tem, bem o sei. Se lhe consentiram em ver a festa, foi provavelmente debaixo da condição de tratar do serviço da copa e das luzes como seu pae.

Vejamos, de que o encarregaram?

Vá procurar o mestre d'hotel do palacio para o incumbir de alguma coisa, e, se não precisar de si, vá-se embora em lugar de servir descaradamente de zelador de damas.

O mordomo continuou sempre no mesmo tom baixo para que só Miguel ouvisse; mas o seu olhar de alterado e a gesticulação convulsiva indicavam desordem, e já a attenção de muitos convivas recahia sobre elles. Miguel estava resolvido a retirar-se, pois não via nenhum modo de oppôr-se á intimação.

Batter n'um velho desgostava-o, e comtudo jamais houvera sentido o sangue popular ferver-lhe na palma das mãos. Teria obedecido sorrindo, a uma impertinencia com visos de delicadeza; mas não sabendo que fazer para salvar a sua dignidade d'este ridiculo ataque, suppôz que ia morrer de raiva e vergonha.

Barbagallo já ameaçava a meia voz de chamar soccorro para vencer a resistencia de Miguel. As pessoas que de mais perto os rodeavam fitam com ar de surpreza zombateiro este mancebo desconhecido, altercando com o mordomo do palacio; as damas amarrotavam os seus enfeites sahindo alvoraçadas da multidão visinha do conflicto. Suppunham ser algum larapio que se introduzisse no baile, ou algum intrigante audacioso que ahi se tornasse escandaloso.

(Continúa).

*Clara de Miranda.*